

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 14, número 2 (2023)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

*¿Hay Sueños Dentro de la Cárcel? La Realidad
Contada a través de Mapas Mentales, en un Corte
Geográfico Espacial*

*Are there Dreams Inside jail? The Reality Told through
Mental Maps, in a Spatial Geographic Cutting*

Maria Madalena Lemes Mendes

Universidade Federal de Rondônia - Brasil
mariamadalena_mendes@hotmail.com

Maria das Graças Silva Nascimento Silva

Universidade Federal de Rondônia - Brasil
gracinhageo@hotmail.com

Como citar este artigo:

MENDES, Maria Madalena Lemes; NASCIMENTO
SILVA, Maria das Graças Silva. Existem Sonhos
Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres
Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas
Mentais, num Recorte Espacial Geográfico. **Revista
Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 14, n.
2, p. 183-202, 2023. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

¿Hay Sueños Dentro de la Cárcel? La Realidad Contada a través de Mapas Mentales, en un Corte Geográfico Espacial

Are there Dreams Inside jail? The Reality Told through Mental Maps, in a Spatial Geographic Cutting

Resumo

Você já se perguntou o que faz uma mulher chegar até a prisão? Esta é uma pesquisa em Geografia, a qual abordou sobre a espacialidade geográfica das mulheres no cárcere. Na prisão, existe um lado que ninguém se interessou em contar e a sociedade externa nunca quis saber. Quais os motivos para estarem ali, as condições, e qual a relação da mulher com o crime? Conforme os resultados desta pesquisa, a maioria das reeducandas são jovens, solteiras, têm filhos e baixa escolaridade. Esses dados corroboram com o "Relatório Temático sobre Mulheres Privadas de Liberdade" (Silva, 2019), e trata sobre as informações penitenciárias relacionadas ao gênero feminino. Por meio de uma análise descritiva e bibliográfica, este artigo explica, com mapas mentais (Kozel, 2018), a realidade das mulheres no sistema prisional.

Palavras-Chave: Mapas mentais; Prisão; Espaço geográfico; Mulheres.

Resumen

¿Te has preguntado alguna vez qué lleva a una mujer a la cárcel? Se trata de una investigación en Geografía, que abordó la espacialidad geográfica de las mujeres en prisión. En la cárcel, hay una faceta que se ha interesado en contar, y que la sociedad exterior nunca ha querido saber. ¿Cuáles son las razones para estar allí, las condiciones y cuál es la relación de la mujer con el crimen? Según los resultados de esta investigación, la mayoría de las reclusas son jóvenes, solteras, tienen hijos y un bajo nivel de escolaridad. Estos datos corroboran el "Informe Temático sobre Mujeres Privadas de Libertad" (Silva, 2019), que aborda informaciones penitenciarias relacionadas con el género femenino. A través de un análisis descriptivo y bibliográfico, este artículo explica, a través de mapas mentales (Kozel, 2018), la realidad de las mujeres en el sistema penitenciario.

Palabras-Clave: Mapas mentales; Prisión; Espacio geográfico; Mujeres.

Abstract

Have you ever wondered what makes a woman go to prison? This research in the Geography area addressed the geographic spatiality of women in prison. In prison, there is an untold story, which the outside society never wanted to know. What are the reasons and conditions for being there and what is women's relationship with crime? According to the results of this research, most of the re-educating offender youngsters are single, have children, and low schooling level. These data confirm the "Thematic Report on Women Deprived of Liberty" (SILVA, 2019), and deals with prison information related to the female gender. Through a descriptive and bibliographical analysis, this article uses mental maps (KOZEL, 2018) to explain women's reality in the prison system.

Keywords: Mind maps; Prison; Geographic space; Women.

Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva



Introdução

Este artigo tem como objetivo evidenciar resultados estatísticos, por meio dos mapas mentais analisados a partir de Kozel (2018), a forma como o espaço geográfico das mulheres na prisão é/foi construído. Tal análise foi realizada no período de 2018-2020, na Penitenciária Regional de Rolim de Moura, Rondônia. Os mapas mentais são figuras que retratam o que ninguém procura admitir, antes de julgar a pessoa privada de liberdade: as mazelas de uma sociedade que se importa cada dia mais com o bem-estar individual, consome desenfreadamente no capitalismo, não desenvolve políticas públicas eficientes para uma população excluída do resto da sociedade, que se diz honesta enquanto mata seres humanos confinados em celas, sem a mínima de condições de dignidade.

O método utilizado nesta pesquisa foi a fenomenologia, que orientou a condução das entrevistas e a construção dos mapas. Ou seja, o método fenomenológico, a partir de Husserl (1986), foi o que melhor estruturou a abordagem descritiva e bibliográfica para a elaboração da análise.

Os mapas mentais expostos foram, assim como a pesquisa em si, autorizada pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), sendo o número do parecer 3.498.528. Os mapas retratam o que foi confirmado em entrevista com as mulheres em privação de liberdade. A maioria delas ocupa um papel secundário no mundo do crime, sendo difícil encontrar uma mulher chefe de quadrilha ou de organizações criminosas, em alto escalão. Nesta pesquisa, não foram encontradas mulheres em cargos mais altos no crime. Quase todas as mulheres que estão na prisão foram aliciadas por influência do companheiro, com quem antes viviam, e, ao serem presas, foram abandonadas, aumentando as estatísticas de mulheres solteiras no cárcere.

Quanto às crianças, maioria das reeducandas são mães e chefes de família. No momento da prisão, muitas mães não têm o direito de despedida das crianças. Seus/as filhos/as ficam a mercê de outros familiares ou instituições e abrigos (Moreira, 2020). A própria separação das mães já é um rompimento afetivo capaz de influenciar no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Alguns autores (as) como Stella e Sequeira (2015) afirmam que a prisão da mãe tem total influência no desenvolvimento da criança e, quanto mais ela cresce, mais tem consciência do que acontece à sua volta, inclusive, da natureza punitiva da mãe, e isso é capaz de comprometer o desenvolvimento físico e emocional da criança.

A maioria das mulheres na prisão não tem a formação mínima do ensino básico, e a estrutura física e econômica do país é espelho da baixa escolaridade das mulheres privadas de liberdade, alimentando, assim, o ciclo de miseráveis no Brasil.

Por que a Geografia estuda e pesquisa sobre as mulheres na prisão?

Porque, dentro da penitenciária, analisa-se o espaço geográfico a partir da (re)organização das mulheres, ampliando as categorias de análise, abrangendo território, lugar e corpo. Fica, assim, evidente que a Geografia se preocupa com esses e outros assuntos envolvendo gênero e a vulnerabilidade humana. Priorizamos falar especificamente das mulheres encarceradas por se tratar de um assunto pouco explorado na Geografia e de grande relevância para toda a

sociedade. Como afirmação e para constante reflexão, Moreira (2020, p. 154) afirmou que:

A invisibilidade das mulheres, no espaço geográfico do cárcere, faz com que estudos feitos diretamente com elas sejam mínimos em pesquisas científicas. Minha trajetória até chegar às internas foi de extrema negociação, busca de parcerias. Tive que provar, em diversos momentos, minha real intenção, levando meu projeto de trabalho de campo, carta de pedido e a autorização do diretor quando este não estava e, todos os dias, durante os 03 meses de pesquisa, eu precisava explicar o que iria fazer naquele lugar, mesmo já tendo conhecido todos os agentes responsáveis pelo portão.

Acreditamos que não podemos excluir ninguém orientadas pelo espaço geográfico que ocupam. E as mulheres, principalmente aquelas privadas de liberdade, precisam poder ecoar suas vozes, garantindo, assim, sua visibilidade.

É preciso uma mobilização para alcançar todos os seguimentos da sociedade, a fim de contribuir com o conhecimento científico na área da ciência geográfica. Ainda, é preciso que as informações aqui colocadas possam contribuir com os gestores na formulação de novas políticas públicas para esse segmento populacional.

A organização espacial das mulheres privadas de liberdade por meio dos mapas mentais

Os mapas mentais foram discutidos em quatro períodos da experiência das mulheres pesquisadas. Primeiro, discute-se a infância, a vida antes do cárcere e a questão “quem eu sou?”. Então, discute-se o espaço prisional. Achou-se viável percorrer esses momentos da vida das mulheres para melhor entendimento de como essas elas se reorganizam dentro do espaço geográfico da prisão.

A descrição do lugar, por meio dos mapas mentais, exige do indivíduo a exposição dos sentimentos a respeito desse lugar. Os mapas mentais são, exatamente, utilizados para representar a experiência da pessoa no lugar em que vive, a fim de compreendê-lo. A partir dos mapas mentais, é possível conhecer os valores desenvolvidos que as mulheres, na prisão, têm do lugar, por meio das imagens construídas (Archela; Gratão; Trostdorf, 2004). Geograficamente, o espaço é constituído por diferentes lugares. No cárcere, as mulheres podem manter relações tanto afetivas quanto de sobrevivência.

A vida antes do cárcere

O momento de retratar a infância permitiu compreender os vínculos afetivos das mulheres pesquisadas. A infância é uma fase decisiva na vida de uma criança, em seu processo físico, emocional e de personalidade; os vínculos afetivos também são necessários. Por isso, a compreensão desde o início da vida das internas, possibilitou o desfecho de como elas se reorganizam no espaço geográfico da prisão.

Figura 01 – “Minha Infância” (Beatriz, 34 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

Beatriz, de 34 anos, em seu desenho considerou os brinquedos da infância. Por meio do mapa mental, é possível analisar que: os brinquedos estão numa posição aleatória e sem uma organização coerente; duas das três personagens na figura se mostram tristes; uma delas está fazendo atividades domésticas. Essas personagens tristes se referem à distância entre mãe e filha. Em seu relato, Beatriz deixa claro que a mãe trabalhava muito e que sua presença fez falta, em determinados momentos da vida dela.

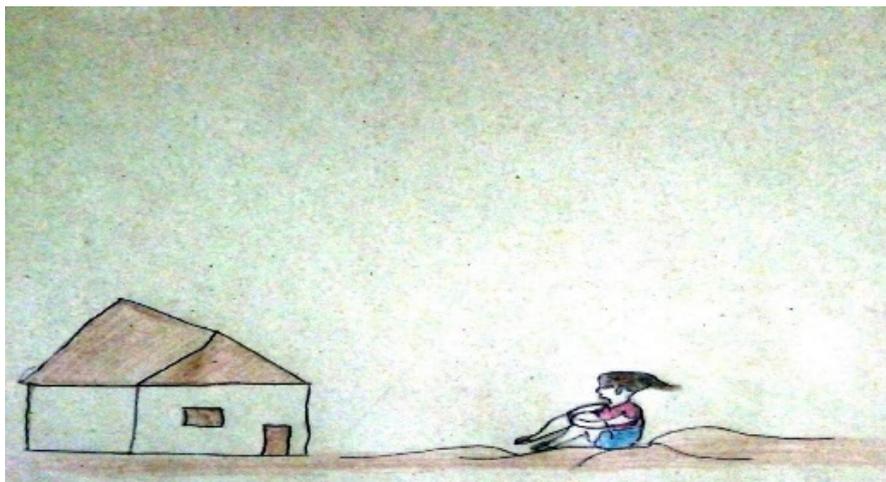
Fui criada com minha mãe e meu padrasto. Tive uma excelente educação, comportamentos comuns em minha criação foram levar à escola/passeio/diversão, beijos/abraços/carinho, diálogo. Trabalhava desde criança, ajudava minha mãe e meu padrasto, sempre tive as coisas, mas era muito trabalhado também. Fui corrigida, minha mãe sempre trabalhou muito, então ela foi muito ausente em minha vida com atenção, meu pai também era presente, vinha me visitar nas férias, mandava pensão, tenho um irmão que hoje estamos nos aproximando melhor; mesmo os filhos do meu pai com minha madrasta hoje temos convivência. Meu pai foi assassinado (Beatriz, 34 anos).

Pela entrevista de Beatriz (34 anos), observou-se que as atividades domésticas relatadas eram exercidas pela mãe durante sua infância, ela reflete sobre a ausência de atenção da genitora por causa do acúmulo de trabalhos.

Grazi (37 anos) estava há cinco anos cumprindo pena na penitenciária regional de Rolim de Moura-RO. Abaixo, ela retratou, sobre a infância, um mapa mental com apenas duas imagens. O que mais chamou a atenção foi o vazio na figura. Enquanto algumas têm motivos para colorir, expor lugares que viveram com maior intensidade, nos momentos de criança, Grazi representa dois objetos a fim de explicar todos seus dias.

Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

Figura 02 – “Minha infância” (Grazi, 37 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

O desenho representa uma infância alicerçada na solidão, violências e o desejo de Grazi de estar longe de casa. Durante os encontros, por vezes, Grazi era calada e, em outros momentos, falava muito. Pronunciava-se apenas quando precisava dizer o que não lhe agradava dentro da prisão: “aqui o que me chama mais a atenção são coisas ruins, porque de bom, não tem nada aqui de bom” (Grazi, 37 anos). Os diversos tipos de violência sofridos por Grazi, por parte do companheiro, agentes e policiais, de acordo com ela, foi apenas uma continuidade dos maus tratos na infância.

A representação do espaço no período da infância revela situações alegres e tristes. Dardel (2011) nos submete a um entendimento sobre o espaço construído, que deixa traços e torna-se o conjunto da história onde as representações humanas dão aspectos aos indivíduos, retratam seus valores, conduzem à interpretação e ao diálogo.

O objetivo de trabalhar com as reeducandas e solicitar o mapa mental sobre a vida antes do cárcere foi para manter uma continuidade no processo de desenvolvimento pessoal e profissional dessas mulheres diante da sociedade. A figura abaixo, retratada por Beatriz (34 anos), mostra, aparentemente, uma vida confortável financeiramente e uma relação afetiva com os (as) filhos (as).

Figura 03 – “Vida antes do cárcere” (Beatriz, 34 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva

Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

A entrevista com a reeducanda indica que a figura mostra uma pessoa distante da realidade, sendo que a posição do veículo enfatiza a ideia de despedida. Ou seja, Beatriz mantinha um relacionamento de aparências em troca de conforto financeiro e *status* social. Entretanto, nem o retorno financeiro, tampouco o *status* fazia de Beatriz uma pessoa feliz. Ao contrário, em nome disto, submetia-se a humilhações e agressões, como é possível evidenciar através de seu relato.

Sofri violência doméstica do meu ex-marido. Me ofendia, xingava, diminuía, me humilhava; controlava o que eu fazia/com quem eu falava e onde eu ia; meu marido queria que eu fizesse coisas diferentes em relação ao sexo, meu marido tinha fetiche de trocas de relacionamento, onde tem várias regras, conheci casas de swing, conheci muitos casais, na maioria não tive relacionamento, mas são casais que não são felizes, eu estava adoecendo, entrando em depressão por causa disso, mudei meu relacionamento. Se eu quisesse ter paz, ter as coisas para meu filho, tinha que aceitar isso, se falasse não, minha vida virava um inferno (Beatriz, 34 anos).

É comum relacionar, por meio dos mapas mentais da “Infância” e da “vida antes do cárcere”, violência das mais variadas: física, psicológica, verbal, não verbal e abandono. Por isso, fez-se necessária a construção do mapa mental sobre “Quem eu sou?”, ele ajuda a responder perguntas e preencher lacunas. O período em que as mulheres estão na penitenciária não é simplesmente para planejarem outros crimes, como é exposto pela maioria da sociedade. O espaço prisional é atravessado por muitas reflexões, experiências tristes e, ao mesmo tempo, capazes de proporcionar motivações para as reeducandas buscarem novas maneiras de enfrentar os desafios do dia a dia.

Quem eu Sou? Processo de identificação das reeducandas

Os mapas mentais “Quem eu sou?” têm a finalidade de expor a aceitação e o processo de identificação das mulheres encarceradas: como elas se veem como mulheres. As internas, quando acessam o sistema prisional, carregam consigo três identidades ao mesmo tempo, levando junto a tristeza de não organizar a vida dos filhos, com quem iam ficar, nem conversar com eles a respeito da prisão.

A mulher, na maioria das vezes, é mãe antes do cárcere, e é também a principal responsável por manter a família. A segunda identidade é a mulher presa, que começa a ser excluída da sociedade e é vista como vergonha da família. A terceira identidade é a mulher que sonha após a prisão.

Em todas as entrevistas posteriores aos mapas mentais, as mulheres falaram da esperança, projetos de vida que sempre são planejados com a família, principalmente os/as filhos/as.

Por meio desse mapa mental é possível verificar que Grazi (37 anos) se enxerga como mãe e responsável pela família. Ela retrata sua casa como parte importante do seu desenvolvimento pessoal. No entanto, o mapa também representa as dificuldades de equilíbrio e estabilidade financeira para o sustento da família, contatado pela não construção do chão em que estão.

Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva



Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

Através da entrevista, reforça-se essa análise: “os motivos mais fortes que me levaram à prisão foi a dificuldade financeira, as más companhias, maus tratos do companheiro e maus tratos na infância e adolescência” (Grazi, 37 anos).

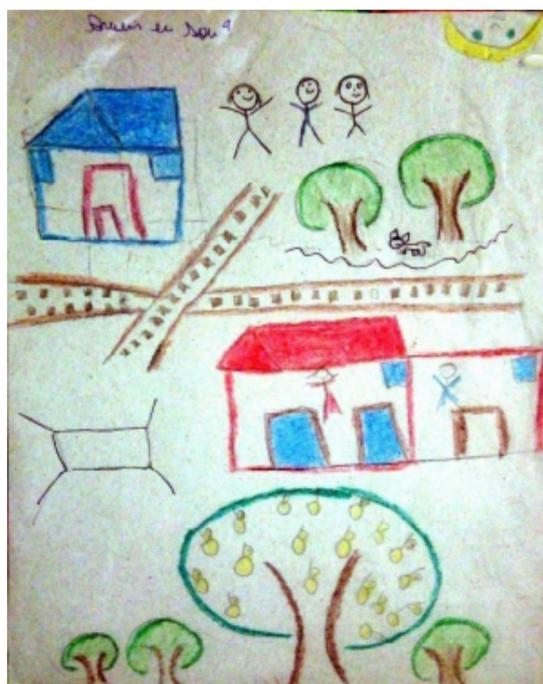
Figura 04 – “Quem eu sou?” (Grazi, 37 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

Gaby (23 anos) é a mais nova das mulheres entrevistadas. Em sua representação, ela destacou sua casa no sítio: “vou desenhar minha casinha, meu lugar no sítio” (Gaby, 23 anos). Esse lugar lhe trazia segurança e, ao mesmo tempo, revolta, por causa da violência verbal exercida pelos familiares, principalmente tios: “Mas a culpa de eu estar aqui é da minha família, eles são culpados, sempre me julgaram, falaram mal de mim, paguei pela língua deles” (Gaby, 23 anos).

Figura 05 – “Quem eu sou?” (Gaby, 23 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva



Esse mapa mental representa várias paisagens naturais, mostrando lembranças do *habitat*¹ de Gaby (23 anos). Durante a infância, sempre morou na zona rural, sendo este um importante aspecto do processo de formação de sua personalidade. É comum a maioria das pessoas representarem sua identidade pelos aspectos da infância, pois é nesse período que acontecem os principais aprendizados na vida do ser humano.

Todas as fases são importantes, mas a infância é o início do processo. Por isso, é fundamental para o desenvolvimento humano. Gaby constituiu seu desenho com representações humanas e animais, evidenciando indivíduos que ainda continuam sendo importantes para a formação do seu “eu”².

Fui criada com meus pais (pai e mãe), depois eles se separaram, fiquei morando com minha mãe, ela me batia porque eu era muito atendida. Mas, tinha carinhos, beijos, atenção e diálogo. Minha criação foi muito boa, nunca moramos no que era nosso mesmo, mas era muito feliz. Meu pai foi embora de casa eu tinha seis anos de idade, ele sempre nos visitava, mas foi assassinado. Não gosto de falar sobre meu pai, bateram muito nele e deixaram ele agonizando, foi muita crueldade. Disseram pra minha mãe que ele tinha se matado, mas era mentira, ele bebia muito e se envolveu numa confusão com uns mendigos na cidade de Pimenta Bueno – RO, então, bateram muito nele, até ele morrer. Era um pai presente, sempre foi um bom pai, nunca bateu na minha mãe, não era agressivo, fez mal pra ele mesmo, a última vez que vi ele, pediu pra mim estudar, não arrumar namorado, e olha só onde vim parar por causa de namorado (Gaby, 23 anos).

As noções de espaços representados acima denotam que cada indivíduo tem sua própria interpretação de espaço, conforme a realidade em que vive. A percepção de cada ser resulta nos mapas mentais, designando a realidade de cada uma das mulheres encarceradas. Essa percepção é singular de cada sujeito e, é a partir das suas necessidades que estruturam e organizam a realidade, dando significado às experiências vividas, sendo elas positivas ou negativas (Oliveira, 2006).

A figura 06, construída por Docinho (25 anos), trata-se de um desenho sem muitos detalhes, poucas representações. Ela procurou enfatizar a figura do filho e de sua mãe, já falecida, em um ambiente vazio e sem muitas descobertas.

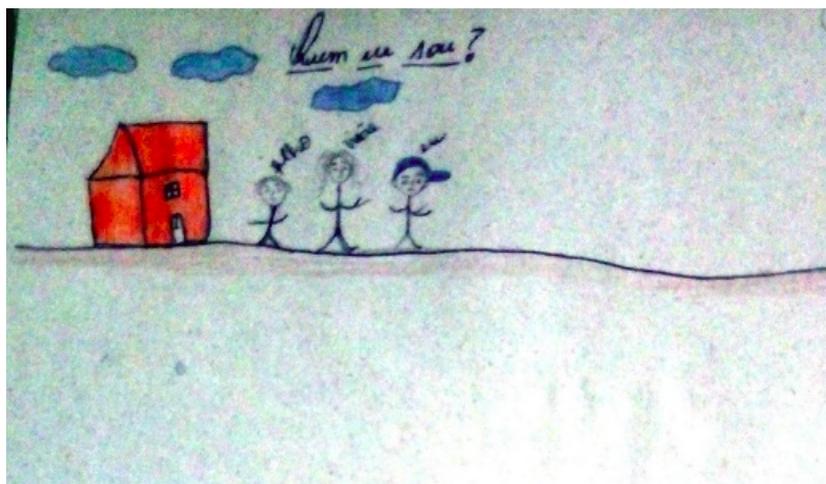
Docinho já foi presa várias vezes. A mãe, representada na figura acima, no momento da pesquisa, havia falecido há um ano. Ela era, segundo a interna, a única que tinha contato da família biológica. A mãe de Docinho cuidava do seu filho desde seu nascimento. Após a morte da avó, a criança foi para um abrigo e de lá passou a morar com a tia paterna. Com a morte da mãe, Docinho ficou muito triste. Atualmente, preocupa-se com a criança que nunca veio lhe visitar e representou seu desenho com traços de solidão e tristeza. A trajetória da interna é relatada no depoimento abaixo:

1 Lugar onde a entrevistada residia durante sua infância.

2 Diz respeito à contínua formação da personalidade humana.

Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

Figura 06 – “Quem eu sou?” (Docinho, 25 anos)



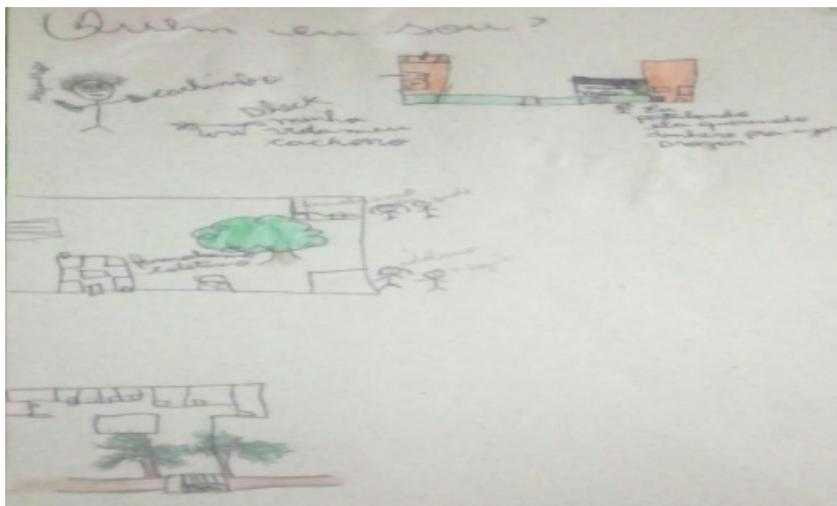
Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

Já fui presa outras vezes, condenada por posse de arma, formação de quadrilha, associação ao crime, estelionatário, falsificação ideológica, 155³, 180⁴. Já estive presa em mais 06 (seis) cadeias diferentes. Dentro e fora do Estado de Rondônia. Antes de 18 anos de idade passei por várias delegacias, pelo juizado da infância e da adolescência, fui encaminhada para abrigos (Docinho, 25 anos).

Docinho é lésbica. Tinha, no momento da pesquisa, uma parceira e as duas moravam na mesma cela. O mapa mental representado por ela explica sua condição homossexual e enfatiza as lembranças com a mãe e o filho. O desenho de Docinho é vazio, sem muitos detalhes, com poucas gravuras e não muito colorido. Ela se vê como uma pessoa sem amparo e convive com a solidão de não ter os familiares por perto. A mãe biológica de Docinho faleceu em 2017, fazendo com que a relação familiar fosse desvinculada, aumentando o sentimento de solidão.

O mapa mental de Pri (29 anos) foi um dos que mais chamou a atenção, pois ela retratou seu convívio fora da prisão e construiu um ambiente social com o qual se identifica.

Figura 07– “Quem eu sou?” (Pri, 29 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva



Pri estava há um ano na penitenciária Regional de Rolim de Moura-RO. No início da pesquisa, condenada por roubo, era usuária de crack. Quando explicado e pedido às mulheres o relato sobre “Quem eu sou?”, Pri (29 anos) expressou: “cachimbo e isqueiro assim era a minha vida antes de vir pra cá”, “eu tinha um mocó⁵, desenhar o mocó também?”

Interessante que o mapa mental de Pri é feito com especificações do local onde permanecia com os amigos e companheiro, que foi morto, para fazerem uso da droga, ela inclusive destaca em seu desenho como “fumódromo⁶” o nome desse local. Pri, por intermédio de seu desenho, vê-se como uma usuária de crack, sem expectativas ou projetos, mantendo seu desenho vazio, sem muitas imagens, destacando o cachimbo e isqueiro como seus principais meios de sobrevivência.

A realidade de Pri não é diferente de milhares de jovens que, em algum momento, decidiram fazer uso do crack ou outra substância química. Com a ineficiência do Estado e da sociedade, esta se torna uma população excluída, capaz de criar o próprio espaço geográfico, aumentando a classe de miseráveis no país. Através da representação dos mapas mentais “Quem eu sou?”, verificou-se a capacidade de as mulheres internas representarem o espaço carcerário, consistindo no conhecimento espacial que adquiriram durante o período na prisão, por meio da trajetória de cada mulher em seu cotidiano e a partir de sua percepção (Merleau-Ponty, 1999).

Nessa visão, os mapas mentais são como informações dentro da mente sendo processadas por meio do desenho. Os mapas podem ser vistos não apenas como simples desenhos, mas sim como uma forma de comunicar, interpretar e imaginar o espaço vivenciado, sendo únicos na forma de representação de cada pessoa, pois é a partir das emoções que vão representar o lugar em que estão.

Características do espaço geográfico da prisão sob o entendimento das mulheres reeducandas

O processo seguinte foi o da construção do espaço carcerário por meio dos mapas mentais. Através da visão e percepção das mulheres, elas desenharam o espaço em que convivem, algumas ocupando pouco tempo, outras, mais. Para discussão desse conteúdo, por meio do aporte metodológico dos mapas mentais, as mulheres na prisão tiveram a oportunidade de representar o espaço carcerário pela própria experiência que adquiriram do lugar vivido. “Mapas mentais como enunciados desenvolvidos por um grupo social que retrata uma

3 “Subtrair para si ou para outrem, coisa alheia, móvel: pena – reclusão, de um a quatro anos, e multa.”

4 “Adquirir, receber, transportar, conduzir ou ocultar, em proveito próprio ou alheio, coisa que sabe ser produto de crime, ou influir para que terceiro de boa-fé, a adquira, receba ou oculte” (Redação dada pela Lei nº 9.426/1996). Receptação qualificada (Redação dada pela Lei nº 9.426/1996).

5 O termo “mocó” utilizado pela interna é a expressão utilizada como espécie de um quarto dentro de prédios geralmente imóveis ou casas velhas e abandonadas.

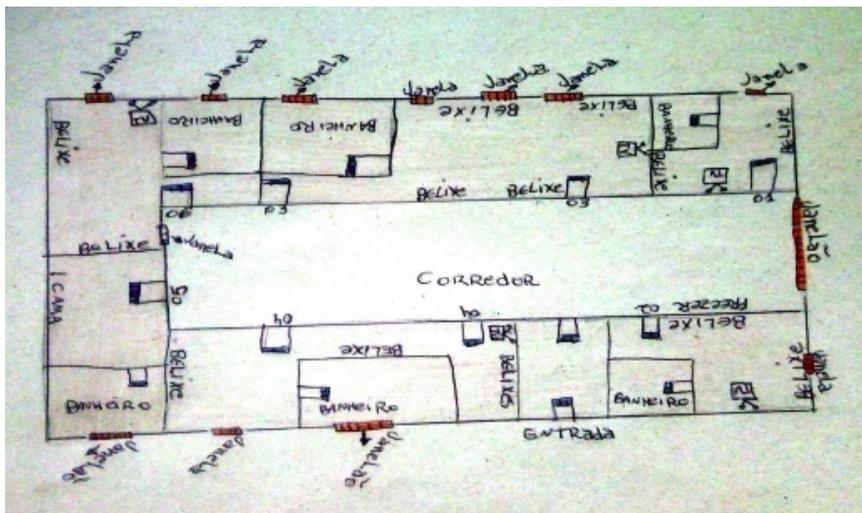
6 Local utilizado pela reeducanda Pri (29 anos) e seus amigos para usar drogas.

Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

visão de mundo” (Kozel, 2018, p. 57).

O mapa mental representado por Docinho retrata uma interpretação quanto à especificação dos ícones, através de uma representação dos elementos da paisagem construída. Cada reprodução feita possibilitou a manifestação da realidade vivenciada das mulheres na prisão. Por meio dos desenhos, a geografia se preocupa em investigar e interpretar o conhecimento que cada pessoa traz, e que é adquirido, na relação de vida com o lugar (Kozel, 2018).

Figura 08 – “Penitenciária/Ala Feminina” (Docinho, 25 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

O mapa mental acima retrata, com bastante objetividade e clareza, como as mulheres se organizam espacialmente no lugar em que vivem, a penitenciária. Elas ocupam uma ala adaptada às mulheres dentro de uma penitenciária masculina. São seis celas, um corredor, um banheiro e alguns beliches em cada cela. É possível analisar como é um espaço pequeno. Tendo apenas duas celas maiores, as mulheres não possuem espaço adequado para o banho de sol, que é realizado em lugar improvisado, onde as internas ficam aglomeradas, atrás das celas no pátio da instituição, com más condições de salubridade.

A figura 9, criada por Pri, descreve a ala feminina, segundo sua percepção.

Figura 9 – “Penitenciária/Ala Feminina” (Pri, 29 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

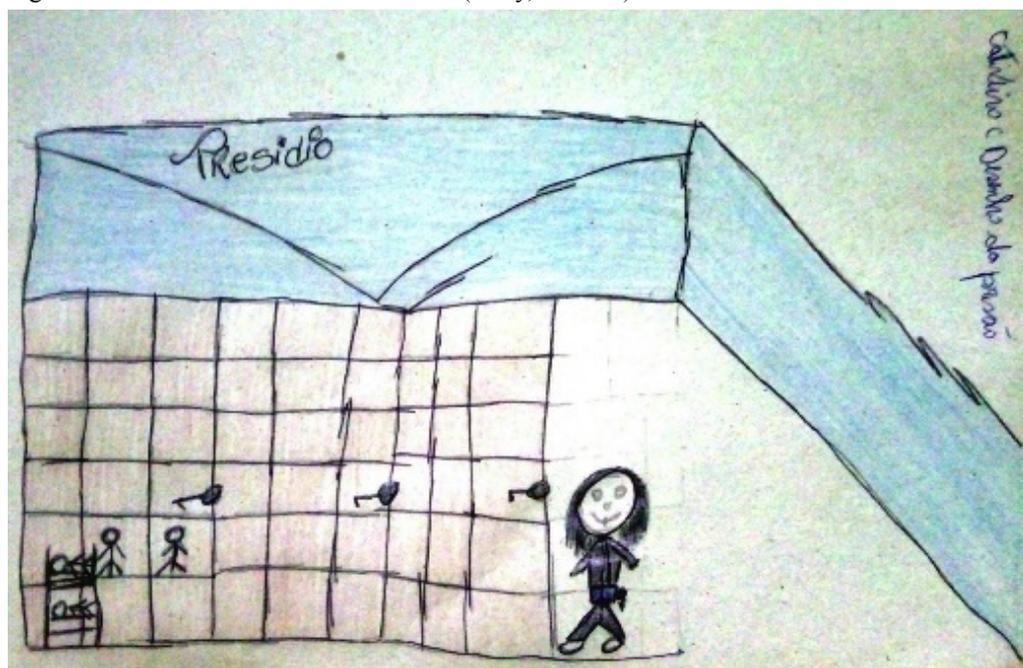
Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva

Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

A forma como Pri representa a ala feminina é um aglomerado de salas improvisadas com pouco espaço. Ela separa seu desenho com um traço e este representa a separação que foi realizada para as mulheres ficarem numa penitenciária construída para homens. A paisagem vista pela reeducanda é de poucas árvores, que estão localizadas próximas à ala feminina.

Gaby fez um desenho representando a ala feminina pelas grades e retratou também figuras humanas.

Figura 10 – “Penitenciária/Ala Feminina” (Gaby, 23 anos)



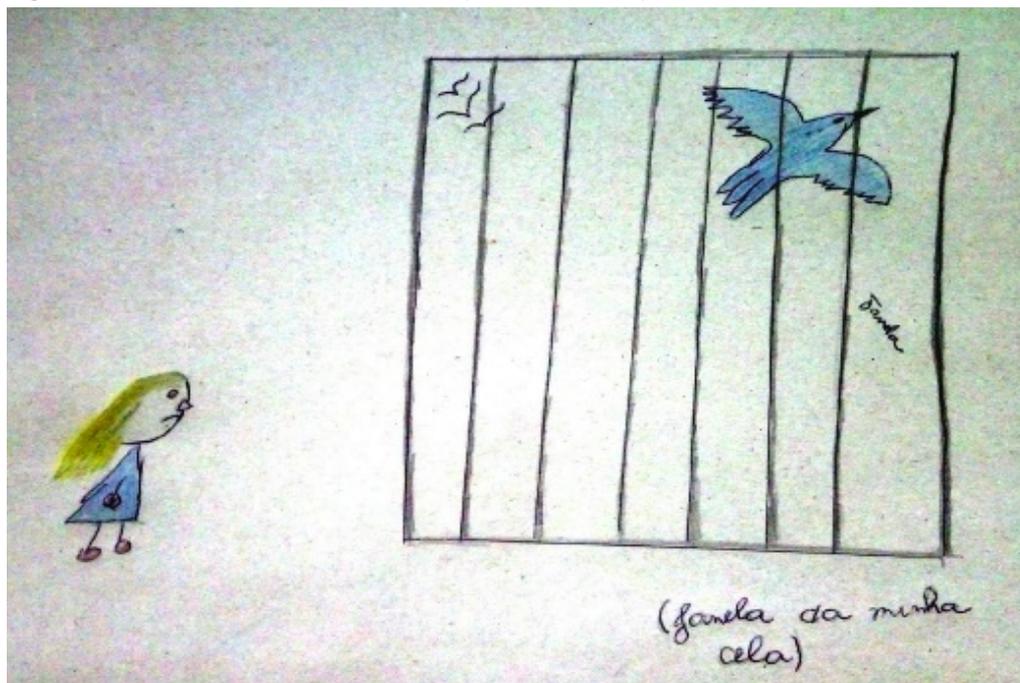
Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

Por meio do desenho, é possível perceber a relação distante entre os agentes e as mulheres privadas de liberdade. As grades também caracterizam esse distanciamento, uma relação construída pela autoridade das agentes sobre as mulheres na prisão, dificultando a convivência no espaço carcerário. Observa-se que Gaby destaca simetricamente a estrutura da penitenciária e um espaço improvisado. As grades representam a condição de mulheres presas e o confinamento restringido às celas de cada uma, notando as poucas oportunidades de programas efetivos para trabalhar a ressocialização e reinserção dessas mulheres na sociedade.

Na prisão, as mulheres identificaram o espaço geográfico como uma relação desafiadora. A partir do momento em que fazem parte do espaço carcerário, elas precisam materializar o que existe nesse lugar, ou seja, interpretar e construir suas relações com pessoas e com um ambiente diferenciado daqueles em que viviam na rua ou fora da prisão. Sem falar da privação de liberdade que, por si só, já é um processo de exclusão e separação da sociedade.

Sobre representar o lugar em que vivem, diferente das demais, Beatriz (34 anos) retratou uma figura isolada na janela de sua cela, contemplando os pássaros que voam livremente fora da penitenciária.

Figura 11 – “Penitenciária/Ala Feminina” (Beatriz, 34 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

Na figura 11, a interna destacou as grades da janela da cela onde vive há três anos, dentro da penitenciária Regional de Rolim de Moura-RO. O desenho chamou muita atenção. Mesmo construído de forma isolada, Beatriz passou uma realidade de solidão e tristeza, sentimentos que predominam na vida das mulheres que estão encarceradas.

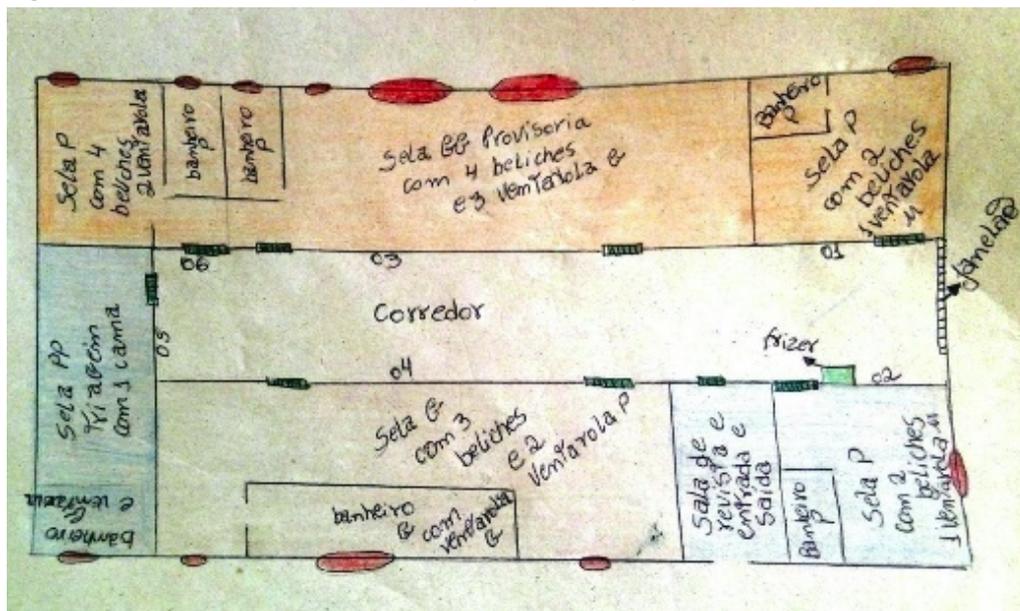
O silêncio das reeducandas nem sempre reflete bom comportamento, mas a maioria que entra numa prisão precisa aprender a lidar com os mais difíceis desafios, principalmente o relacionamento humano. O silêncio dessas mulheres fala muito sobre a ineficiência do Estado, o preconceito da sociedade, a revolta dos familiares e os julgamentos que se manifestam nos olhares, nas palavras e nas atitudes. Beatriz (34 anos) deixou isso claro, em parte do seu depoimento:

Aqui, a gente não come bem, a comida vem estragada, azeda, passamos mal, e quando chegamos ao hospital o médico olha e diz: “ah é preso, isso não dá nada não”, aqui e lá fora ninguém se importa com nós, existe a má vontade em fazer qualquer coisa pra nós. E a reinserção é necessária porque não falo apenas nós que estamos aqui, mas nossos filhos e as demais crianças, se não houver reinserção as coisas só vão piorar (Beatriz, 34 anos).

Algumas mulheres se preocuparam em descrever o espaço carcerário com os mais simples e importantes detalhes. Grazi (37 anos) representou o espaço físico da prisão, especificando a ordem e o tamanho das celas.

Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

Figura 12 – “Penitenciária/Ala Feminina” (Grazi, 37 anos)



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada durante a realização do campo, em 2018.

O fato de a ala feminina ser improvisada e o aspecto físico das celas chamam a atenção em relação ao espaço geográfico destinado para que as mulheres permaneçam. São celas pequenas, com pouco espaço para locomoção. Mesmo sabendo que a maior parte do tempo, elas ficam ali dentro, o lugar não passa de uma sala maior com repartições em grades, formando celas menores, para abrigar de quatro a cinco mulheres condenadas, em cada uma.

O espaço carcerário representado pelas reeducandas mostra a não identidade ou aceitação do lugar onde vivem. Consideram a penitenciária um lugar provisório, e têm a esperança de sair de trás das grades e conquistar dias melhores, principalmente com o objetivo de restabelecer a relação e o cuidado com os/as filhos/as.

Ao tratar da não identificação e ao não pertencimento das mulheres ao lugar “prisão”, foi necessário buscar maior embasamento teórico sobre o conceito de lugar. A construção do significado de lugar começa na relação intersubjetiva entre o espaço vivido e o indivíduo. Merleau-Ponty (1999) definiu três maneiras de explicar esse espaço: a espacialidade representada pelo corpo, as coisas e a relação com o espaço físico em si; o espaço espacializante, que compreende o espaço geométrico; e, por último, a experiência do espaço, que considera a relação que acontece do corpo com o mundo e com demais sujeitos, por meio da relação subjetiva. Este último é o lugar produzido no cotidiano, pela afetividade, rejeição e relacionamento geral com os seres e objetos. É essa concepção que a pesquisa com as mulheres encarceradas destaca, pois a ênfase será na experiência que elas têm com o lugar em que estão.

Nogueira (2005) fundamentou o lugar como categoria própria do conhecimento geográfico. Para o autor, é necessário ter uma intimidade com o lugar, viver nesse lugar para dar significado a ele. Ou seja, saber, realmente,

como interpretá-lo. “Esta proposição nos leva à construção de uma geografia do lugar, onde este é concebido e interpretado por quem aí vive. Uma geografia que faça parte daqueles que o experienciam” (Nogueira, 2005, p. 14).

Outro ponto característico do lugar é o homem como ator geográfico. Bailly (1998) definiu lugar como espaço de vida, onde as relações se cruzam. Nele, surgem inúmeras ligações por meio de sentimentos, memórias coletivas e símbolos, refletindo, assim, a qualidade percebida no espaço. Caso não haja esse sentido de lugar, identifica-se um sentimento chamado pelo autor de “placelessness”⁷. Esse termo se opõe à noção de identidade humana, pois emerge quando o sujeito não se identifica com o lugar em que está, comprometendo, com isso, sua qualidade de vida.

Na visão de Tuan (1983), o lugar possui um espírito e uma personalidade. O sentido de lugar é dado pelos movimentos do corpo. Mesmo num lugar onde há várias pessoas convivendo, cada uma terá sua forma de ver e viver o lugar habitado. O corpo se movimenta e se manifesta conforme suas necessidades e desejos. Dessa forma, cada lugar tem seu cheiro, barulhos e estética específica, no entendimento de cada pessoa. Portanto, para o autor, o lugar é constituído a partir da experiência nele produzida, sem deixar de levar em conta as relações construídas de forma afetiva, emocionais, simbólicas e míticas com o lugar.

Os mapas mentais representados pelas mulheres condenadas na penitenciária retrataram a percepção do lugar vivido. Ou seja, a forma única como cada uma apreende as experiências adquiridas nesse lugar. De forma geral, as mulheres encarceradas manifestaram sentimentos de solidão. Em seguida, representaram tristeza, injustiça e indiferença. Todos esses sentimentos eram acompanhados de esperança, mesmo que pouca, ou falha, em alguns momentos. Kozel (2013) explica que cada pessoa tem sua maneira de ver as coisas e de se relacionar com o mundo em que vive. Isso gera uma visão muito particular dos lugares e territórios. A experiência com o mundo em si não é apenas uma soma de objetos; ela acontece num sistema de relações onde estão presentes valores, sentimentos, atitudes, costumes e muitos outros elementos.

A organização do espaço geográfico prisional pelas mulheres só se torna possível por meio do respeito. A prisão, talvez, seja um dos poucos lugares em que certas regras jamais são quebradas. Apesar dos desafios, “neste espaço também são vivenciadas situações marcantes que passarão a fazer parte da história de vida dessas mulheres” (Alves, 2017, p. 132). Mesmo que as mulheres dialoguem na prisão, reina a falta de assistência, por parte do poder público e a negação, por parte da sociedade, em relação às pessoas que se encontram dentro do cárcere, lugar onde elas constroem uma história que levarão por toda vida. Junto com familiares e amigos, as mulheres encarceradas reorganizam o espaço. Os rótulos de “condenada” não acabam com o cumprimento da pena, mas as marcam por onde forem.

⁷ Termo utilizado por Bailly (1998), referindo-se a quando o sujeito não se identifica com o lugar em que se encontra.

Considerações finais

Existem sonhos dentro do cárcere?

Esta pesquisa iniciou com tal questionamento e, por meio dos mapas mentais construídos pelas mulheres privadas de liberdade, foi possível observar os sonhos que essas mulheres têm, ou o que as mantém dentro da prisão.

As condições de dignidade para tal população é quase inexistente, o olhar de reprovação e julgamento da sociedade externa é visível. A concretização deste estudo, realizado no período de 2018 a 2020, foi um desafio marcado por inúmeros sentimentos positivos e negativos. O sistema penitenciário brasileiro é carente da efetividade de políticas públicas e, em se tratando de mulheres, elas precisam de atenção específica baseada em gênero, com os cuidados de que toda mulher necessita.

Durante a pesquisa, foi possível verificar que as mulheres internas da Penitenciária Regional de Rolim de Moura-RO são jovens entre 18-37 anos de idade. A maioria era responsável pelo sustento da família antes da prisão, tinham baixa renda e não terminaram o ensino básico. Quando chegam à prisão, levam até três semanas para se dar conta da situação que deverão enfrentar. No município de Rolim de Moura-RO, elas ficam numa penitenciária construída para homens, ou seja, uma sala foi improvisada para receber as mulheres condenadas na região zona da mata. Essa região corresponde a sete municípios próximos a Rolim de Moura.

No momento da pesquisa de campo, a Penitenciária Regional de Rolim de Moura abrigava 20 mulheres, divididas em cinco celas. O local é pequeno, as camas tipo beliche ficam muito próximas e dificultam o trânsito das mulheres dentro da cela. O mais comum era ver as internas sobre as camas, geralmente fazendo crochê, trabalho que vendem ou trocam por outros materiais, remédios ou até mesmo para gerar ajuda à família fora da prisão.

A invisibilidade das mulheres no espaço geográfico do cárcere faz com que estudos feitos diretamente com elas sejam mínimos em pesquisas científicas. Minha trajetória até chegar às internas foi de extrema negociação e busca de parcerias. Tive que provar, em diversos momentos, minha real intenção, levando meu projeto de trabalho de campo, carta de pedido e a autorização do diretor, quando este não estava e, todos os dias, durante os três meses de pesquisa, eu precisava explicar o que iria fazer naquele lugar, mesmo já tendo conhecido todos os agentes responsáveis pela minha entrada na instituição.

A principal parceria foi com o CEEJA (Centro Estadual de Educação para Jovens e Adultos) do município de Rolim de Moura-RO. Sem essa parceria, seria quase impossível chegar às mulheres internas. Essa dificuldade demonstra a intenção do Estado em invisibilizar ou em não promover a visibilidade das mulheres encarceradas. Porém, a sociedade civil também é responsável por essa desigualdade de gênero. Os termos utilizados, como “preso não vale nada”, “tem mesmo é que morrer” e “além de ir preso, ganha salário”, representam a deficiência no processo de ressocialização.

Dentro da penitenciária, não existem programas efetivos voltados à ressocialização. Há apenas a educação prisional por meio do CEEJA, na qual os docentes trabalham por hora/aula e duas professoras pedagogas são

responsáveis por organizar a documentação e organização geral. Além da deficiência educacional, há deficiências estruturais graves. Não há local próprio para as mulheres tomarem banho de sol e, no local onde ficam com esse objetivo, está uma fossa sanitária, ficando as detentas sujeitas a diversos tipos de doenças e contaminações.

O relacionamento interpessoal entre as internas é estabelecido por regras, e a principal é o respeito. Há a relação de poder, mas, segundo elas, não há uma líder para todas. Cada cela faz sua organização e o mais cobrado entre as internas é respeitar o pequeno espaço de cada uma. Quando chegam à prisão, são intimidadas e precisam utilizar mecanismos de resistência até fazerem parte do grupo. Um fato marcante foi a transferência de uma interna pelo simples fato dela descobrir o caso do diretor com uma agente. O relacionamento das internas com os/as agentes é de resistência. Infelizmente, quase todos/as os/as funcionários da penitenciária reproduzem os termos de exclusão às detentas, com palavras e atitudes. Essa é uma diferença entre elas e o público masculino, pois os homens são em maior número e os agentes dificilmente reproduzem essas palavras a eles.

O principal vínculo afetivo que as mulheres mantêm depois que chegam à prisão é com a família, principalmente os/as filhos/as. Todas as mulheres condenadas na Penitenciária Regional de Rolim de Moura tiveram o homem como motivador do crime ou envolvimento com o tráfico. Estando presas, a maioria delas está sozinha, ou seja, foram abandonadas pelos companheiros. Durante as entrevistas, foi emocionante ouvi-las falar dos/as filhos/as: seus olhos brilhavam e algumas não seguravam as lágrimas. A maioria delas recebe visitas dos familiares e filhos/as.

Atrás das grades, essas mulheres são conscientes da exclusão social. Relatam o desejo de recomeçar a vida, mas temem o preconceito e a falta de confiança das pessoas, principalmente para conseguir emprego e ter condições de cuidar dos/as filhos/as.

O Estado tem como dever garantir às pessoas privadas de liberdade o direito à dignidade. Isso só será possível a partir de discussões, pesquisas e imposição da sociedade civil contra os maus tratos, as condições físicas precárias, os locais impróprios e o tratamento desumano dentro da prisão. Tudo isso sem esquecer que, quando falamos de sociedade, referimo-nos a todas as classes e pessoas em todos os espaços geográficos, locais públicos, privados, favelas e penitenciárias.

Essa foi a finalidade deste artigo: alcançar todos os segmentos da sociedade, a fim de contribuir como conhecimento científico na área da ciência geográfica. Ainda, objetivamos que os conhecimentos gerados por esta pesquisa possam contribuir com os gestores públicos na formulação de novas políticas públicas para esse segmento populacional, além de possibilitar novas ideias para a continuidade de outras pesquisas geográficas relacionadas a gênero e à prisão feminina.

Referências

ALVES, H. V. S. **Grades invisíveis: as características sócio espaciais da prisão a partir da percepção das mulheres encarceradas na penitenciária**

Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva



feminina de Rondônia/TOMO I. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B.; TROSTDORF, M. A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Geografia**, v. 13, n. 1, 2004.

BAILLY, A. S. ET SCARIATI R, L' Humanisme em géographie. *In*: BAILLY, et al. **Les Concepts de la Géographie humaine**. Paris: Armand Colin, 1998. P. 213-221.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 2848, de 7 de dezembro de 1940.** Código Penal. Diário Oficial da União: Brasília, 1940.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra:** Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HUSSERL, E. **A Idéia da Fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 1986.

KOZEL, S. **Mapas Mentais:** Dialogismo e Representações. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.

KOZEL, S. Comunicando e Representando: Mapas como Construções Socioculturais. **Geograficidade**, v.3, número especial, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12874>. Acesso em: 23 jan. 2023.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, M. M. L. M. **Gênero e Prisão Feminina.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2020.

NOGUEIRA, A. R. B. Uma interpretação fenomenológica na Geografia. *In*: X Encontro de Geógrafos da América Latina. **Anais [...]** São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/14.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

OLIVEIRA, N. A. S. A Educação Ambiental e a Percepção Fenomenológica, através de Mapas Mentais. **Revista eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v.16, 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2779>. Acesso em: 23 jan. 2023.

STELLA, C.; SEQUEIRA, V. C. Guarda de Filhos de Mulheres Presas e a Ecologia do Desenvolvimento Humano. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 3, p. 379- 394, 2015. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1195>. Acesso em: 23 jan. 2023.

Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva



Existem Sonhos Dentro do Cárcere? A Realidade das Mulheres Privadas de Liberdade, Contada por meio dos Mapas Mentais, num Recorte Espacial Geográfico

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Maria Madalena Lemes Mendes: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita (revisão e edição).

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Conceituação, Análise Formal, Escrita (revisão e edição).

Recebido em 12 de abril de 2023.

Aceito em 05 de setembro de 2023.

Maria Madalena Lemes Mendes, Maria das Graças Silva Nascimento Silva

